

## ANTROPOLOGIA E SOCIOLOGIA

### Entrevista com o professor Otávio Velho

---

*Flávia Ferreira Pires*  
*Silvia Garcia Nogueira*

Otávio Guilherme Alves Velho formou-se Bacharel em Ciências Políticas e Sociais pela PUC-RJ em 1964. Fez parte da primeira turma do PPGAS (Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social), Museu Nacional, UFRJ, que teve início em 1968, e sua dissertação de mestrado foi a primeira a ser defendida pelo Programa.

No início dos anos 1970, com o endurecimento da repressão política no Brasil, Otávio Velho parte para a Universidade de Manchester, onde faz seu Doutorado em Filosofia, concluído em 1973. Realizou também um pós-doutorado pela Stanford University (1981). É professor titular (1993) e professor emérito (2005) de Antropologia Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro/ Museu Nacional/UFRJ. Já foi conselheiro e vice-presidente da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC). É membro do Conselho Superior da CAPES e da Fundação de Amparo à Pesquisa do Rio de Janeiro (Faperj). Foi o primeiro antropólogo a presidir a Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS) entre 1986 e 1988. É membro do grupo de consultores (Advisory Group) sobre Relações e Diálogo Interreligiosos do Conselho Mundial de Igrejas (*World Council of Churches*) e foi presidente do Instituto de Estudos da Religião - ISER (1989-1990).

Foi editor científico da revista *Ciência Hoje* da SBPC e membro do Conselho Diretor do Projeto *Ciência Hoje* (de 1997 a 2001) e é pesquisador sênior do CNPQ. Além de artigos em periódicos e obras coletivas nos Estados Unidos, Grã-Bretanha, Argentina, Peru, Holanda, Suécia, Suíça, Portugal e Itália, Otávio Velho publicou vários livros, entre os quais *Mais Realistas do que o Rei: Ocidentalismo, Religião e Modernidades Alternativas* (2007) e *Besta-fera: recriação do mundo - ensaios críticos de antropologia* (1995).

Destacamos também sua participação em um sem número de coletâneas publicadas no Brasil e a autoria de apresentação e prefácio de inúmeros livros.

Durante o mês de dezembro de 2010, o professor Otávio Velho esteve na UFPB participando como membro de uma banca de concurso para professor adjunto em antropologia e nos brindou com uma conferência. No dia seguinte, antes de sua volta para o Rio de Janeiro, em uma conversa acompanhada por suco de acerola e pela brisa nordestina característica - numa espécie de preparação transitória rumo à Ilha de Paquetá (RJ), onde mora -, falou com as professoras Flávia F. Pires (UFPB) e Sílvia Garcia Nogueira (UEPB), ambas suas ex-alunas no PPGAS/ Museu Nacional, sobre as ciências sociais e a antropologia brasileiras na atualidade, suas memórias e diálogo com as outras ciências. Outros momentos da entrevista podem ser apreciados na *Revista Antropológicas* (UFPE) 2011, v. 21, pp. 329-341.

### **O menino americanizado, o jovem despolitizado**

**Flávia Pires:** *Primeiro, gostaríamos de agradecer à disposição de compartilhar com a gente as suas experiências.*

**Sílvia Nogueira:** *Pra iniciar essa nossa conversa, a gente queria que você falasse um pouco, já pensando na sua trajetória, sobre o seu tempo de estudante de ciências sociais do ponto de vista afetivo, do ponto de vista das lembranças. O que foi importante pra você nessa primeira formação acadêmica?*

**Otávio Velho:** A minha graduação foi na Escola de Sociologia e Política da PUC do Rio de Janeiro, e foi uma certa virada na minha vida existencialmente, porque eu era aluno do Colégio Militar do Rio. O Colégio Militar tem certas características como, por exemplo, o fato de que só tinha homens. Hoje em dia já tem meninas, mas naquela época, não. Então, a ida para PUC foi uma novidade muito grande pra mim, e foi numa época muito interessante, porque eu entrei na PUC em 1961, numa época de muita efervescência política. O período da graduação foi um período de grande efervescência política, de 61 a 64, exatamente. E eu era completamente despolitizado, digamos assim.

Uma das coisas mais importantes desse período também foram as próprias oscilações, porque realmente foi um volume de novidade muito grande. Embora a PUC majoritariamente tendesse sempre mais para a direita, havia um crescimento do movimento de esquerda nessa época. Eu acho inclusive que surgiria nesse período a AP, a Ação Popular, que foi um movimento importante que veio da JUC [Juventude Universitária Católica], pois sendo uma universidade católica, exatamente lá era um dos focos importantes desse movimento que veio a dar origem à AP. Que eu saiba, basicamente era Minas e a PUC do Rio que tinham esse movimento forte. Quando eu entrei, inclusive, o presidente do DCE era o

Aldo Arantes, que depois veio a ser presidente da UNE e deputado pelo PC do B, e até hoje é uma pessoa ativa no partido. Havia muitos seminários, muitos debates, e eu assistia a isso tudo. Eu até acho, sob certos aspectos, que aprendi mais na minha graduação fora da sala de aula do que na sala de aula, por esse ambiente todo e o contato com essas novidades. Inclusive, desse ponto de vista, em 61, o grande evento que me marcou foi a renúncia do Jânio e a luta pela posse do João Goulart. A primeira atividade política que eu tive foi essa. Foi o momento de decisão pra mim: onde é que eu vou ficar? Então, foi aí realmente que a coisa começou, e que se formaram laços importantes, tanto, digamos assim, de trabalho, de estudo, quanto também da atividade política. A Escola de Sociologia e Política era um espaço muito interessante, e como eu disse inclusive na conferência ontem, lá estavam várias pessoas que depois se tornaram colegas para a vida inteira; nós estávamos juntos. Na minha turma propriamente, entre as pessoas que hoje em dia continuam militando na profissão, tinha o Moacir [Palmeira] e o Machado [Luiz Antonio Machado da Silva], mas em turmas imediatamente a seguir, tinha a Lygia Sigaud, e depois outras pessoas também. Então realmente foi muito interessante, muito importante pra mim.

Teve também uma pesquisa que nós fizemos em Alagoas, que realmente foi outra experiência muito forte pra mim, em termos de descobertas, e do Brasil também em certo sentido. Foi minha primeira vinda ao Nordeste, que teve de tudo, até direito a um encontro com o Gilberto Freyre na casa dele em Recife. Foi muito interessante, e até hoje eu tenho um artigo dele, com uma dedicatória, nessa nossa ida para lá.

**Flávia Pires:** *Fala um pouquinho como foi esse encontro.*

**Otávio Velho:** Uma coisa relativamente ligeira, mas muito simpática. A casa bonita, muito agradável a esposa dele e tal, nada de muito profundo, mas acho que realmente para nós marcou. E figuras interessantes, o primeiro professor de sociologia que foi o padre Fernando Bastos de Ávila, que acabou de falecer, faleceu mês passado, foi o nosso primeiro professor de sociologia, que nos marcou bastante, e depois fomos tendo outros contatos também. Na verdade, a Escola não tinha um foco muito definido, porque inclusive no meu caso mesmo, e também de vários outros colegas, uma das hipóteses para o futuro, - porque nessa época era muito nebuloso o que um sociólogo poderia vir a fazer - , era ir para o Itamaraty. Então, uma das hipóteses que a gente tinha nessa época era se preparar para o exame do Instituto Rio Branco, e vários de nós pensávamos nessa direção. Eu me lembro que nós chegamos a ter aulas particulares de história com o nosso professor de história, que é uma pessoa que depois continuou por

muito tempo, foi uma figura marcante na PUC e na UFF também, que foi o Falcon, o Francisco Falcon. Importante desse ponto de vista de estudo e de repensar o mundo... Então, não havia foco, e havia professores de vários tipos, alguns de tipos mais tradicionais e tal, e outros, figuras mais, digamos, modernas. Entre os modernos, um que não chegou a ser meu professor, aliás, ele não era professor, mas tinha sido aluno lá, e estava sempre circulando ali, foi o Gláucio Ari Dillon Soares. É um sociólogo que se tornou importante e que veio dessa época. Ele já estava começando a fazer estudos, pesquisas eleitorais, que foram pioneiras no Brasil. A Escola tinha uma revista chamada *Síntese*, que existe até hoje, mas que agora é editada pelos Jesuítas em Belo Horizonte e eu até sou do Conselho. Pois nesta revista saíram alguns estudos pioneiros entre os quais os artigos do Gláucio sobre pesquisas eleitorais, sobretudo no então Estado da Guanabara. Mas, então, figuras como o Gláucio estão entre aquelas interessantes com as quais eu convivo até hoje. Eu brinco com ele, porque na verdade a diferença de idade entre nós não é muito grande, mas eu sempre faço questão em dizer que ele foi meu professor... ele fica meio chateado...

Em relação a essa época que eu acho que talvez mereça registro, é porque tem a ver com a minha ida para a antropologia, que foi um certo acaso. Eu gostava de antropologia, mas não tinha nenhum projeto de me dedicar especificamente à antropologia, mas o nosso professor de antropologia, que era o professor Manoel Diégues Júnior, me convidou para ser assistente dele quando eu estava terminando o curso. Então, por isso é que eu comecei a dar aula em antropologia, e aí, já que eu estava na antropologia, comecei a querer saber mais a respeito da antropologia. E aí foi que eu acabei tendo contato com o Roberto Cardoso de Oliveira, e ele acabou me convidando para ser auxiliar de pesquisa dele no Museu, para onde eu fui, em função disso. O Diégues também, é uma outra coisa importante a dizer, ele era diretor do Centro Latino Americano de Pesquisas em Ciências Sociais, um órgão ligado à UNESCO, que funcionava no Rio e que era muito importante. E também essa ligação com a América Latina... que nessa época já tinha sido importante, na verdade talvez fosse mais forte nessa época, até certo ponto, do que nos anos seguintes. Eu também trabalhei como auxiliar de pesquisa, no Centro que o Diégues dirigia, e com o Moacir (Palmeira), que também foi pra lá. O Diégues – como o Moacir - era alagoano, pai do Cacá Diégues. Ah! E pai da Madalena, Madalena Diégues, que foi minha colega na PUC e depois veio a ser minha colega na primeira turma do PPGAS.

**Silvia Nogueira:** *Voltando um pouquinho. Como é que você passa do Colégio Militar para a Escola de Sociologia e Política?*

**Otávio Velho:** O Colégio Militar é um curso secundário como outro qualquer em princípio, mas em geral as pessoas do colégio iam para carreiras militares, mas também havia muita gente que ia para a engenharia. E eu, nos últimos anos do colégio, já estava decidido que não ia para a carreira militar. O meu pai era militar, mas não fez nenhuma questão que nós fôssemos para o exército, e então, eu já tinha decidido isso. A opção na época, óbvia, era a engenharia, então eu comecei a me preparar para fazer o vestibular para engenharia. Mas o meu pai tinha um interesse pelas ciências sociais, ele tinha um interesse forte pela história. Ele tinha escrito coisas a respeito da história militar e, como tradutor, já tinha traduzido vários livros de psicologia e ciências sociais, de sociologia... então, isso era uma coisa forte. Na biblioteca dele também estavam presentes obras dessas áreas. As ciências sociais eram um interesse difuso, mas que na época era difícil visualizar como uma opção profissional. Então, a minha racionalização na época, quando eu estava terminando o colégio, é que eu não estava preparado para fazer o vestibular pra engenharia, e que, então, eu devia me preparar mais um ano. Enquanto isso, para não ficar parado, eu soube desse curso, e enquanto eu me preparava melhor para o curso de engenharia... Era uma racionalização pra mim mesmo e para a família, porque também ser sociólogo, na época, realmente era uma coisa que assustava um pouco. Mas, então, havia um *background* familiar, havia uma coisa familiar... não por acaso, tanto eu quanto o Gilberto [Velho] acabamos indo nessa direção.

**Flávia Pires:** *Aproveitando a menção ao ambiente familiar, eu queria retomar um pouco, Otávio, algo que nunca vi nas entrevistas que você já deu. É sobre a sua infância, sobre o menino Otávio, ou Guilherme, se preferir?*

**Otávio Velho:** Olha só! Você com seu interesse por criança ...

**Flávia Pires:** *Porque você disse que quando chega na PUC chega despolitizado...*

**Otávio Velho:** É.

**Flávia Pires:** *Então eu queria que você falasse um pouquinho da sua infância, e o que o menino Otávio queria fazer. Quais eram os sonhos dele?*

**Otávio Velho:** Nunca me perguntaram isso. É um pouco novidade, eu não sei o que dizer... Eu nasci em São Paulo, meu pai era militar, meu avô militar etc., mas muito cedo eu vim pro Rio, então, praticamente eu fui criado no Rio, meus laços são com o Rio. O que me ocorre dizer é... fui menino de escola

pública. Nessa época a escola pública era considerada boa, então estudar em escola pública sempre foi uma experiência bem pluri-classista. A minha infância foi mais no Grajaú, na zona norte do Rio, depois é que a gente se mudou para Copacabana. Eu acho que foi marcante na minha infância o fato de que o papai, como oficial do exército, acabou indo ser professor de português nos Estados Unidos, na Academia Militar Americana, na Academia Militar de *West Point*. Então, dos sete aos dez anos de idade, eu morei nos Estados Unidos, numa época em que essas experiências internacionais não eram muito comuns. Foi uma experiência bem diferente e marcante pra mim. Eu cheguei a praticamente esquecer o português, quer dizer, realmente eu me americanizei muito nessa época, e foi uma experiência muito forte, muito importante que me marcou bastante. Não sei se tem alguma ligação com a antropologia também, essa experiência intercultural, nessa idade, mas isso foi muito interessante, isso é uma coisa que me ocorre mencionar.

O Colégio Militar, como eu disse, é uma experiência só de homens. É um negócio gozado, hoje em dia é bem mais raro isso. Até hoje a gente brinca um pouco com isso, em torno desse nosso período militar, por exemplo, com essas ligações militares... mas o colégio militar serviu para eu desistir de ser militar. Não que tenha sido uma coisa ruim na minha vida, eu acho que foi uma experiência forte. De qualquer maneira, eu fiquei oito anos, eu fiz o chamado curso de admissão que havia e depois os sete anos do secundário. Foram oito anos do Colégio Militar, então, isso certamente de alguma maneira me marcou, uma família militar e mais oito anos de colégio militar. Eu acho, inclusive, que essa experiência de curso e tudo mais, essa politização foi uma experiência existencial muito forte que foi também, até certo ponto, um ajuste de contas.

**Flávia Pires:** *Você lembra o que você queria ser quando era criança?*

**Otávio Velho:** Eu acho que em algum momento militar, mas fora isso não me lembro.

Olha, outra coisa que eu acho que o militar talvez tem a ver com a antropologia, da maneira como eu a fantasiava, talvez fantasie até hoje, é o ar de aventura. Acho que a ideia de aventura, por mais que isso possa ser não antropológicamente correto hoje em dia, acho que há uma tendência a achar que isso aí não é tão adequado, mas pra mim sempre, realmente, esse lado de aventura foi importante. Eu acho que tem uma ligação também com essa coisa militar, foi forte e continua sendo quando eu penso em antropologia.

**Flávia Pires:** *Tem ligação com o fato militar por quê?*

**Otávio Velho:** Porque o militar pra mim, de alguma maneira, está associado a essa coisa de aventura.

**Silvia Nogueira:** *Essas viagens, esses deslocamentos, não é?!*

**Otávio Velho:** Realmente pra mim, essa ideia da viagem, do encontro com a novidade, com tudo, eu acho que é forte.

### **Sociologia e antropologia**

**Flávia Pires:** *Em uma entrevista você falou que nunca deixou de ser sociólogo. E aí eu queria perguntar um pouco sobre a relação da sociologia com a antropologia, na sua própria trajetória, e também nas Ciências Sociais brasileiras. Ontem na “Conversa com o Autor” no CCHLA/UFPB você falou muito de interdisciplinaridade e eu queria escutar um pouquinho mais sobre isso. Sobre os limites e os ganhos dessa relação.*

**Otávio Velho:** Com a sociologia particularmente?

**Flávia Pires:** *É.*

**Otávio Velho:** Bom, eu acho que, inclusive, hoje em dia, não se fala mais tanto assim, mas havia momentos em que se pensava a antropologia até como um ramo da sociologia. A sociologia como a disciplina-mãe, digamos assim. E pra mim, na minha formação, acho que eu sempre estive um pouco próximo [da sociologia]. Eu acho que, em última instância, o meu interesse pela antropologia, pela humanidade, pelo outro etc., nunca se fez independente do fato de que meu interesse principal é a nossa sociedade. Eu acho que talvez nesse sentido é que eu quisesse dizer que nunca deixei de ser sociólogo: o interesse principal é a nossa sociedade. Isso talvez seja uma maneira clássica de falar, porque hoje em dia os antropólogos dizem muitas vezes, e até acho que às vezes abusadamente, que se interessam por nossa própria sociedade. Mas, também acho que sempre teve isso, embora com essa marca, da viagem antropológica, que eu acho que faz mais diferença. O fato de que eu via na época da minha formação que o trabalho de muitas pessoas que se formavam era um trabalho mais ligado ao que empiricamente se diria trabalhos localizados, um trabalho da aldeia, digamos assim. E eu sempre fiz, o que eu falei na palestra de ontem, foi ver sempre “a partir de”. Embora revisando trabalhos localizados, hoje em dia, olhando retrospectivamente, eu acho que eu deveria ter feito mais trabalhos de campo do que eu fiz na minha vida. Fica pra próxima encarnação. Mas, sempre foi com

esse sentido do “a partir de”, uma certa tentação sempre na preocupação holística, com a totalidade, digamos assim, que sempre me acompanhou. Então, eu acho que é nesse sentido também que eu queria dizer.

**Silvia Nogueira:** *O que você entende por viagem antropológica? A viagem antropológica do deslocamento ou a viagem antropológica no plano de suas ideias?*

**Otávio Velho:** É nos dois sentidos. No ponto de vista do deslocamento, esse deslocamento no sentido de realmente você buscar a diversidade, que eu acho que é muito forte pra nós. E nas ideias, porque toda a tradição e toda a literatura fazem com que isso te leve a ideias e, os percursos são diferentes de um sociólogo usual. Então, nesse ponto de vista realmente, embora eu diga que nunca deixei de ser sociólogo, eu acho que a sociologia *strito senso* tem essa limitação e muitas vezes não tem esse olhar comparativo, que faz com que a gente olhe de outra maneira pra nossa própria sociedade. Embora isso não seja incompatível com o ser sociólogo, mas na prática eu acho que isso acontece muito, embora infelizmente também aconteça com alguns antropólogos hoje em dia.

Em relação a esse lado sociológico, eu mencionei ontem na conferência que isso foi estimulado pelo próprio Roberto [Cardoso de Oliveira], porque o Roberto, dentro daquelas divergências da época, se colocava do lado da antropologia social, sobretudo a antropologia social britânica, contra o culturalismo. Ele cultivava também a sociologia e os sociólogos. Foi orientando do Florestan Fernandes, que é uma figura também bem interessante desse ponto de vista. Escreveu trabalhos importantes para nós como antropólogo, mas sempre foi realmente um sociólogo. Então isso foi significativo e, inclusive, foi um dos motivos de ir para o Museu [Nacional].

Nesse meu primeiro trabalho de campo, a que eu me referi ontem, a ideia do Roberto [Cardoso de Oliveira] é que nós estaríamos estudando ainda o colonialismo interno, a fricção interétnica, a relação interétnica. Eu seria, como sociólogo, o especialista em estudar a sociedade brasileira do contato, em contraposição aos colegas que estavam estudando os lados dos índios. Era essa a divisão do trabalho do Roberto [Cardoso de Oliveira]. Ele mesmo nos colocava nessa posição. Depois fui para Manchester - que foi uma decisão conjunta minha e dele, mas ele é que tinha os contatos - naquela época pelo fato de ser um departamento misto de antropologia e sociologia. Então, esse “nunca deixei de ser sociólogo” tem a ver não só com as minhas decisões, mas como também para onde eu fui levado. Até pelo próprio Roberto [Cardoso de Oliveira]. A ideia dele era essa antropologia e sociologia, e eu, mais ou menos, cumpri esse papel, digamos assim, em contraste com o Matta [Roberto da Matta], com o Roque [Laraia] e outras pessoas.



## Trabalho de campo coletivo

**Silvia Nogueira:** *Qual foi seu primeiro trabalho de campo, Otávio? Você falou da aventura, e do ponto de vista das angústias, alguma ansiedade, ou algo que te surpreendeu positivamente? Qual foi o impacto do primeiro trabalho de campo sobre você?*

**Otávio Velho:** Eu diria que há dois primeiros trabalhos de campo. Um foi esse mais escolar do primeiro ano de faculdade a que eu me referi ontem [na palestra ministrada na UFPB], que foi essa nossa ida para o interior de Alagoas, com uma espécie de coordenação à distância do Padre Ávila. Mas, foi basicamente uma iniciativa nossa e que foi muito marcante, muito impactante realmente. Essa experiência do interior do Brasil e do Nordeste me marcou profundamente, desse meu ponto de vista existencial. E o segundo primeiro trabalho de campo...

**Silvia Nogueira:** *Você lembra exatamente o que, alguma experiência específica? Ou o contato com uma realidade muito diferente?*

**Otávio Velho:** É! Com uma realidade muito diferente, com aquilo que nós chamaríamos de pobreza, eu acho que isso foi muito forte. Além do fato de ser uma realidade rural nordestina dos anos 1960. E foi também impactante e interessante pra mim, e também acho que me marcou, o fato de ter sido trabalho em grupo. Isso foi uma coisa que não cheguei a falar ontem, mas eu acho que é uma das tendências hoje, quando eu falei, por exemplo, dos Institutos Nacionais de Ciência e Tecnologia etc. É que os trabalhos têm que ser de novo e cada vez mais coletivos. Isso é uma coisa que eu acho com que a antropologia ainda não lidou muito, de como compatibilizar sua tradição com os trabalhos em redes, trabalhos coletivos. E esse meu primeiro trabalho foi coletivo, e isso foi muito interessante. E marcou. Depois, lá no Museu, nós tivemos vários projetos coletivos... é interessante, no começo do PPGAS tivemos vários projetos coletivos. Um grande projeto que foi coordenado pelo Moacir [Palmeira] e um projeto que eu coordenei também, depois é que isso caiu um pouco. Eu acho que isso foi muito importante.

O segundo trabalho aí, realmente, foi um trabalho, digamos assim, mais disciplinado, inclusive como auxiliar no campo do Roque [Laraia], que foi um grande padrinho nesse ponto de vista, um grande tio nessa entrada em campo. E o fato dessa primeira experiência mais sistemática, digamos assim, embora eu estivesse lá mais acompanhando o Roque [Laraia], tenha sido numa aldeia indígena. Embora eu nunca tenha estudado um grupo indígena, mas as experiências que eu tive com um grupo indígena, e essa foi a primeira, eu acho que me marcaram.

Realmente me fizeram mais antropólogo. E a ideia era que, inclusive, eu lá da aldeia estivesse observando o tal do contato interétnico. Eu acho que foi essa a ideia. E aí aventura à vontade, com direito a grandes jornadas a cavalo, dormidas em rede no meio do mato, coisas desse tipo e saídas junto com os índios, foi muito bom.

**Silvia Nogueira:** *Você tinha quantos anos nessa época?*

**Otávio Velho:** Nessa primeira ida, foi em dezembro de 66, eu estaria com 25 anos. É interessante mencionar que, como nessa época, a pós-graduação ainda estava se constituindo, eu comecei um pouco tarde comparado com os padrões de hoje.

**Flávia Pires:** *E você descreve um pouquinho esse trabalho de campo, com a ajuda do Roque Laraia, naquele texto “Trabalhos de campo, antinomias e estradas de ferro”. Na graduação e no mestrado da UFPB nós lemos com os alunos o texto e eles ficaram empolgados em fazer trabalho de campo coletivo. Eu até fiz uma pequena experiência com os alunos. A gente foi pra Catingueira, eu e mais quatro alunos, e ficamos uma semana. Foi uma experiência ótima para eles. O que está acontecendo é que muitos deles agora estão fazendo a monografia a partir dessa pesquisa, que é, a gente pode pensar, como uma pesquisa coletiva. É outro estilo realmente. Você tinha dito ontem que geralmente, na antropologia, o aluno é que escolhe o que vai estudar, o que dá na telha, e que tem seus ganhos também, mas que talvez pode-se pensar uma...*

**Otávio Velho:** É, talvez valha a pena mencionar isso também. O início do PPGAS era mais nesse sentido coletivo, e inclusive o PPGAS foi fundado - com recursos da Fundação Ford, na época não havia quase nenhum recurso nacional para essas coisas - junto com um grande projeto de pesquisa, que era um projeto de estudo comparativo do Nordeste com o Brasil Central, de autoria do David, o David Maybury-Lewis. Então, essa nossa primeira turma foi dividida entre o grupo do Nordeste e o grupo do Brasil Central. E nós fizemos um grande trabalho de campo coletivo inicial de levantamento, em que metade da turma foi pra o Nordeste e metade foi para o Brasil Central. Eu fui pro Brasil Central. E isso também foi uma experiência interessante dessa primeira turma do PPGAS, que eu acho que depois não houve mais, que foi a turma ter essa experiência coletiva. E isso foi muito interessante: ir junto com os colegas, se bem que essa foi a primeira vez que eu fui a Brasília, e isso foi em 68, já não me lembro se foi no final de 68 ou se foi começo de 69. Foi a partir de Brasília que a gente se dividiu em subgrupos, uns ficaram mais pro sul do Brasil Central, aliás, categoria que hoje não se fala mais, Brasil Central, naquela época ainda se falava,

e outros foram mais para cima, eu fui mais para cima, sob a coordenação da Francisca, a Francisca Isabel Vieira, que foi nossa professora nesse momento.

**Flávia Pires:** *Brasília era a porta de entrada para o Brasil?*

**Otávio Velho:** Estava começando a ser. Isso é interessante, porque isso demorou um pouquinho. Porque na primeira ida ao campo, que foi essa ida no final de 66, aliás, nós saímos do Rio de Janeiro de ônibus, eu, o Roque e a família do Matta. O Matta e a sua família. Nós fomos de ônibus porque eles também estavam indo pro campo, e nós fomos juntos. Mas nós não fomos pra Brasília, isso é interessante, como é que Brasília ainda não polarizava. Nós fomos para Goiânia, e em Goiânia então nós pegamos um avião pinga-pinga, da rota do Tocantins, e então, no caminho, a família do Matta ficou, e nós continuamos. Ficaram em Tocantinópolis e nós fomos para Marabá. Então, Goiânia era a referência, embora Brasília já tivesse sido fundada há uns cinco anos, mas ainda não tinha esse poder de polarização.

**Sopro de vida vindo do Norte e Nordeste: não ao modelo único de formação de pesquisadores e à inércia dos estabelecidos**

**Silvia Nogueira:** *Dando um salto, pensando nessa linha um pouco mais cronológica, como é que você vê o desenvolvimento das ciências sociais no Nordeste, da época que você começou o seu trabalho de campo, com quem você tinha contato, com alguns intelectuais, até hoje. Como é que você vê o desenvolvimento das Ciências Sociais no Nordeste?*

**Otávio Velho:** De certa maneira, sempre foi importante. Eu disse que, por exemplo, que uma experiência forte dessa primeira ida ao campo em Alagoas foi termos visitado o Gilberto Freyre em Recife. O Gilberto Freyre era uma referência mítica do Nordeste, mas que para nós era muito marcante também. Agora, institucionalmente, na época, também tivemos contato - e já era importante e tem a ver com Gilberto Freyre - com a Fundação Joaquim Nabuco em Recife, onde fomos recebidos de maneira muito simpática por seu diretor Mauro Mota. Eram esses os contatos que eu tinha. Agora, em geral, eu acho que se pode dizer que no Centro Sul as coisas se desenvolveram mais. Mas eu também lembraria que na PUC eu acabei sendo diretor cultural do Centro Acadêmico Roquete Pinto (na gestão, aliás, do meu colega Vicente Plá y Trevas, cujo sobrenome vi que figura em placa de praça em João Pessoa), e nessa época nós bolamos uma semana do Nordeste. Isso deve ter sido em 62, eu não me lembro se 62 ou 63. Nós bolamos essa semana do Nordeste, e eu era o diretor cultural, e, digamos

assim, o principal responsável por isso. E essa semana do Nordeste acabou tendo um certo impacto na PUC e até mesmo fora da PUC, e uma das atividades dessa semana do Nordeste foi a vinda ao Rio, por nosso intermédio, de toda a equipe do Paulo Freire - que estava fazendo o seu trabalho no Nordeste, mas ainda não tinha uma grande projeção no plano nacional. Então, eu diria que essa vinda deles ao Rio, através desse trabalho nosso, teve uma certa importância, digamos assim, para eles ganharem uma projeção nacional e depois na transformação desse projeto de Paulo Freire num programa de governo, para o governo João Goulart. Então, por exemplo, Paulo Freire e a equipe dele já foram um exemplo, nessa época, de um trabalho importante que era realizado no Nordeste. Mas já nessas primeiras turmas nós tínhamos alunos vindos do Nordeste, nas turmas do Museu, também. Eu, na verdade, como eu disse, quando houve essa divisão dentro do projeto, eu fiquei com o Brasil Central, então, eu não tive tanto contato assim com o pessoal do Nordeste. Mas eu acho que vale a pena mencionar que no PPGAS, desde o começo, o Nordeste foi um foco muito importante de referência para os nossos trabalhos, e aí o papel do Moacir [Palmeira] é fundamental. Eu acho que o Moacir [Palmeira] foi realmente a grande figura desse desenvolvimento para o trabalho de pesquisa no Nordeste, que depois atravessou gerações de pesquisadores, mas que começa nesse trabalho aí, nesse começo.

**Silvia Nogueira:** *E como você vê o Nordeste hoje, as ciências sociais no Nordeste hoje?*

Otávio Velho: Eu fico muito feliz com esse desenvolvimento que está se dando, e eu estou sempre me surpreendendo, inclusive. Eu confesso que, por ignorância e falta de contato, não imaginava encontrar um grupo tão sólido de antropólogos na Paraíba, como eu estou encontrando aqui, não é? E eu acho que isso é muito positivo para a antropologia brasileira. Também fiquei muito feliz agora em novembro quando fiz a conferência de abertura da I Semana de Humanidades da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, em Mossoró, e pude constatar a vitalidade dos debates com pesquisadores e alunos vindos de muitos centros do Nordeste e até de Belém. Eu sou muito favorável à ideia de que realmente a gente diversifique experiências, diversifique possibilidades de formação, eu acho que não deve ficar amarrado a um modelo único. Eu acho que essa diversificação de centros para o Norte-Nordeste para nós é muito importante. Eu espero que seja muito vivificador para a antropologia brasileira. Que isso seja um sopro de vida para nós, essa é a minha esperança.

**Silvia Nogueira:** *Você falou em sopro de vida, a gente estava conversando antes, a partir da palestra de ontem também... O que você acha da antropologia, das ciências sociais, você acha que elas vêm se renovando ou não se renova; você acha que precisa desse sopro de vida, ou você já enxerga que tem sopros diversos na antropologia e nas ciências sociais aqui no Brasil?*

**Otávio Velho:** Certamente que esse sopro de vida existe, mas eu acho que existe uma certa inércia que faz com que os centros de decisão ainda não sejam esses, aonde está se dando esse sopro de vida. Eu gostaria muito que isso aí realmente se transformasse em algo vitalizador.

### **Imaginação e camisas de força: fora e dentro da instituição**

**Flávia Pires:** *Ainda sobre o sopro de vida e naquele conceito de que você gosta muito, do “privilegio da periferia”. Porém, eu pensava na renovação, no quão difícil é fazer inovação estando na periferia, fazendo alguma coisa que traga alguma contribuição. Porque o que a gente vê aqui é uma tendência à reprodução dos grandes pensadores, principalmente dos pensadores clássicos, Weber, Durkheim e, mais recentemente, Bourdieu, Giddens. E, de alguma maneira, nos grandes centros há a possibilidade de você inovar, ao passo que parece que aqui as pessoas têm mais dificuldades justamente porque estão na periferia. Eu gostaria que você comentasse isso.*

**Otávio Velho:** Eu estou vendo que vocês estão enfrentando essas dificuldades todas, eu não tenho uma resposta pra você. Mas eu acho que não é necessariamente assim. Eu tenho tido mais contato ultimamente com a Amazônia, não só ultimamente, e vejo novidades e coisas interessantes acontecendo lá. Eu acho que inclusive é preciso ser mais inovador institucionalmente. Não sei exatamente porque, é possível que nesse momento na Amazônia haja mais liberdade e possibilidade de experimentação do que no Nordeste. É uma impressão que eu tenho, mas não sei exatamente se é verdade ou exatamente por que. Mas eu acho que talvez fossem mais interessantes pra vocês mais trocas de experiências entre vocês, pra tentarem ver outras possibilidades para ajudar a estimular a imaginação. Agora, eu acho que uma das coisas importantes é não ficar preso só na instituição, eu acho que reforçar realmente o vínculo com a pesquisa, o vínculo com os grupos sociais que nós estudamos. Tentar passar isso para os estudantes eu acho que é muito importante, apesar de todas essas dificuldades, e não se deixar afogar pelo dia a dia, pela rotina. E ao mesmo tempo, tentar criar condições institucionais para que você não seja tão escravo do dia a dia. Condições de infraestrutura, e uma coisa que eu acho que é muito importante nas nossas universidades é a criação de um quadro de funcionários técnico-administrativos competente. Isso é muito importante, e é uma coisa que nas ciências brasileiras de

certa maneira se descuidou um pouco. A gente cuidou dos pesquisadores e cuidou menos dos técnicos, dos técnico-administrativos. Acho que é uma tendência mudar um pouco isso, e eu acho que isso é muito importante. A gente se vê quase como se fosse numa competição, tudo tem que vir para o pesquisador, para o docente e não para os técnicos. Eu acho que é ao contrário: quanto mais você tem um bom quadro técnico administrativo, mais você vai estar livre para fazer sua atividade principal. Eu sugiro portanto ter mais contato, mais troca de ideias, e a ABANNE [Reunião de Antropologia do Norte Nordeste, hoje REA – Reunião Equatorial de Antropologia] talvez seja um instrumento para isso. Eu acho que essa interiorização, esses novos campi, também podem ser muito importantes, no sentido de que isso seja inovador. Que essa criação de novos campi não seja apenas uma reprodução do que já existe, mas que se façam experimentos, que se tentem coisas novas. Eu sei que as estruturas não ajudam, mas às vezes a gente verifica as estruturas e às vezes existem possibilidades que a gente não aproveita. Eu acho que tem que se explorar todas as possibilidades. Às vezes a gente mesmo cria camisas de forças e inventa regras desnecessárias. Eu acho que isso então tem que ser trabalhado.

**Silvia Nogueira:** *Que tipo de experiências você viu na Amazônia que foi inovadora?*

**Otávio Velho:** Por exemplo, esse projeto que o Alfredo Wagner (Berno de Almeida) dirige em Manaus, o Projeto Nova Cartografia Social. Com grande competência de pesquisa e também com grande competência de articulação política e de busca de recursos, ele conseguiu criar um *pool* de recursos grande nesse projeto, que então passou a ser o próprio projeto formador de alunos. O aluno se forma não só na sala de aula convencional, como se forma também dentro desse projeto. É muito interessante, se vocês tiverem a oportunidade de visitar e conhecer eu acho que vale a pena. E sempre com um grande entusiasmo, um entusiasmo quase missionário mesmo, porque eles estão sabendo a importância disso. E isso tem um pouco a ver com o que eu falei ontem, que eu acho que a antropologia no Brasil se despolitizou muito, e isso teve um ganho, por um lado, porque isso ajudou a marcar, digamos assim, a nossa especificidade científica. Mas eu acho que até certo ponto houve um apoio demais nessa direção. Um trabalho como esse, em que você tem presente o objetivo social também e político do seu trabalho, ajuda a criar em todo mundo, inclusive nos alunos, um espírito de trabalho e de missão, que não descuida e, pelo contrário, reforça a importância da pesquisa e do trabalho do antropólogo e cientista social em geral. Então, eu acho que vale a pena conhecer essa experiência do Alfredo.

**Silvia Nogueira:** *E fora da Amazônia, você vê mais alguma coisa inovadora, por exemplo, alguma coisa que tenha te chamado a atenção nos últimos tempos?*

**Otávio Velho:** Eu tenho que pensar um pouco pra ver. Eu acho que por toda a parte dentro das universidades eu vejo coisas interessantes, por exemplo, esse sentido do trabalho mais coletivo, do trabalho assim mais participativo, por exemplo, o grupo da Federal do Rio Grande do Sul hoje faz coisas muito interessantes, que me chamam a atenção. É uma renovação, eu acho que a ideia do sangue novo e a ideia realmente de as pessoas terem um objetivo comum.

### **A necessidade do retorno aos “objetos” clássicos**

**Silvia Nogueira:** *Só pensando o outro lado, o que você acha que precisa mudar e que ainda não mudou no campo antropológico, no campo acadêmico da antropologia e das ciências sociais? O que você acha que tinha que ter virado a página e...*

**Otávio Velho:** Eu acho que é um pouco isso que eu estou falando. Eu não falaria muito sistematicamente sobre isso, mas eu acho que é um pouco tudo isso que eu estou falando. A busca de novos caminhos, a inovação. O retorno entre aspas, até certo ponto, digamos assim, aos nossos objetos clássicos, eu acho que isso também paradoxalmente é importante também.

**Flávia Pires:** *Que tipo de sugestão você daria a uma pessoa que estivesse começando um mestrado em antropologia, que objeto, o que seria interessante para pesquisar?*

**Otávio Velho:** Eu acho que vai depender muito da realidade regional de cada programa, mas eu acho que tem que haver uma diversificação nesse sentido. E aí de antemão eu não sei dizer exatamente o que cada um vai encontrar, às vezes eu me surpreendo. De repente ontem aqui eu vi muita gente trabalhando com portadores do HIV, eu não tinha ideia de que na Paraíba isso se tornaria um foco de interesse<sup>1</sup>. A gente deve evitar uma certa visão também paternalista de que aqui é o lugar do tradicional, e os objetos têm que ser os objetos tradicionais, e os objetos modernos se teriam no Centro Sul, tem que se evitar isso. Mas, ao mesmo tempo, eu acho que se tem que polarizar aquilo que realmente é clássico

---

<sup>1</sup> Ednalva Maciel e Mônica Franch são antropólogas da UFPB e desenvolvem projetos de pesquisa com pessoas com HIV. No Programa de Pós-Graduação em Sociologia, além das duas professoras mencionadas, trabalham com a mesma temática os professores Artur Perussi e Eduardo Sérgio Soares Sousa.

na disciplina. Então, até certo ponto, eu acho que não é necessariamente buscar novos objetos, mas é não abandonar talvez alguns dos objetos mais tradicionais. Eu acho, por exemplo, que em parte por causa de algumas pressões, digamos assim, burocrático-administrativas da pesquisa, em parte talvez por algumas incompreensões entre nós mesmos, tem-se reduzido ou, pelo menos, não tem crescido, como deveria, o trabalho com os grupos indígenas. Isso é lamentável do ponto de vista da necessidade realmente desses trabalhos serem feitos pela importância que eles têm, e também porque eu acho que a perda dessa referência é ruim para o conjunto da antropologia, mesmo que eu não esteja diretamente envolvido nesse tipo de trabalho. Eu acho que há uma certa pressão no sentido de buscar objetos, digamos assim, dos quais a gente consiga aparentemente dar conta com mais facilidade, com menos trabalho de campo. Eu acho que a gente tem que pensar coletivamente como evitar isso, é uma armadilha com o trabalho, contra a antropologia, e aí com isso a gente vem a ser, no mal sentido, uma sociologia.

### **Sinal dos tempos: prestar contas é fundamental**

**Flávia Pires:** *Otávio, tem uma questão também, que é um pouco mais delicada, que é sobre o endurecimento do controle da atividade do professor, do pesquisador, a partir de uma valorização muito forte da quantidade. Tem gente que fala até do Homo Qualis, que nem sempre leva em consideração a qualidade da produção. Você vê que esse controle pode trazer algum benefício ou ele é muito pernicioso para a atividade do pesquisador?*

**Otávio Velho:** É, eu acho que a dificuldade de lidar com isso é porque de certa forma essas coisas não são totalmente ruins. A ideia do livre pensar, sem nenhuma responsabilidade social, sem ter que prestar contas, eu acho que isso já era. Eu acho que realmente nós caminhamos na direção, assim espero, de uma sociedade cada vez mais democrática, e que nós temos que ter consciência de que inclusive nós recebemos recursos públicos e que de alguma maneira temos que prestar contas por isso. Às vezes, eu sinto que há uma certa tendência meio tradicionalista a só falar mal dessas novidades. Eu não compartilho desse ponto de vista, eu acho que realmente a responsabilidade social, a obrigação de prestar contas é fundamental. Agora, há um longo caminho a percorrer para encontrar as maneiras mais adequadas de fazer isso. Na SBPC [Sociedade Brasileira pelo Progresso da Ciência]<sup>2</sup> sinto isso. Muitas vezes ela é chamada a tentar fazer a mediação, por exemplo, entre os pesquisadores de campo e as exigências da

---

<sup>2</sup>No momento da entrevista, o professor Otávio Velho era vice-presidente da SBPC.



EMBRAPA, ou as exigências do Tribunal de Contas. Esse trabalho de mediação é longo, difícil, mas acho que a gente não deve jogar fora e achar então que nada disso é bom. É que eu acho que estamos engatinhado nisso, assim como nós estamos engatinhando nessa mudança de escala, na quantidade de gente que está envolvida dentro, digamos assim, da comunidade científica brasileira. Foi muito brusca essa mudança, eu não tenho os números, mas nesses últimos oito anos houve uma coisa inacreditável na mudança de escala e de recursos disponíveis. A gente reclama muito, mas o fato é que os recursos cresceram muito, estávamos falando aqui desse meu começo, das dificuldades que nós tínhamos com recursos. Hoje em dia, muitas vezes, já ouvi vários gestores em universidades dizerem que a dificuldade está em gastar, em como gastar, porque os recursos estão, em certas situações, sobrando. Então, essa mudança de escala está exigindo muito de nós todos, inclusive nesse ponto de vista que eu mencionei agora, a questão da gestão, a questão dos quadros técnico-administrativos, tudo isso eu acho que nós temos que desenvolver. Nós estamos nas dores do parto, eu acho. Uma coisa que não é necessariamente ruim, mas que a gente vai ter que aprender. Por exemplo, essa questão de que o controle é só quantitativo e não qualitativo, isso está sendo falado, e está sendo falado não só entre os cientistas sociais, aliás, e está se tentando buscar soluções, mas não é muito fácil. Você pergunta se uma pessoa que está envolvida, por exemplo, com a questão do *qualis*... eles têm tentado lidar com isso. Por exemplo, agora, a ideia de vocês terem os livros da área de ciências sociais valorizados, isso é uma novidade. Agora, como fazer essa valorização, como contar os pontos, isso não é fácil. Às vezes, a gente exagera um pouco dizendo que nós estamos de um lado e os controladores estão do outro. Os controladores são nossos colegas também, eu acho que a gente tem que fazer um esforço coletivo. Creio que as associações científicas têm um papel a cumprir em relação a isso, e a SBPC, eu tenho sempre feito esse chamamento para que os cientistas sociais participem mais da SBPC, para que quando a gente vá levar as nossas questões às instâncias devidas, que o ponto de vista do cientista social seja contemplado. Eu tento fazer isso, mas tem que ter mais massa crítica dos cientistas sociais para que isso aconteça. Também é importante que complicações desnecessárias não sejam utilizadas como barreira para evitar a entrada de novos pesquisadores.

**Flávia Pires:** *Por exemplo, o trabalho de campo, mais uma necessidade nossa, a de fazer trabalho de campo longo, que deveria ser levada em conta.*

**Silvia Nogueira:** *É. No tempo em que você está no campo, você não produz. Fica mais complicado. Mas, ainda em relação a isso, você vê como principalmente positiva a questão da*

*prestação de contas, mas o que você acha que seria o ponto mais frágil nesse sistema? Qual é o ponto que precisa mais desenvolver: a forma de avaliação, o mecanismo de avaliação?*

**Otávio Velho:** É. Não produz entre aspas. E é bom lembrar que embora o nosso trabalho de campo tenha suas especificidades, nós não somos os únicos cientistas que realizam trabalho de campo. Os mecanismos de avaliação certamente são um ponto delicado. Embora a gente reclame, pessoas de outras áreas acham que se tem avançado. Mas certamente é preciso avançar mais, muito mais.

**Silvia Nogueira:** *Nas outras áreas avançou? Um exemplo que você acha que avançou nesse sentido?*

**Otávio Velho:** Ah! O pessoal da física e da genética e outros mais chamam a atenção para melhorias operacionais na tentativa de acompanhar a escala crescente do processo e que envolve complexidades não necessariamente visíveis por quem não acompanha de perto. Além disso, as tentativas de simplificar a importação de insumos, de facilitar a entrada em campo, o próprio crescimento exponencial dos recursos, a melhoria na infraestrutura e em pessoal técnico, as facilidades do Portal Capes, que certamente economizam tempo e dinheiro, tudo isso acabaria se refletindo nas avaliações. Em algumas áreas isso é mais complicado do que em outras, mas certamente em tudo isso nós temos que melhorar; a questão dos mecanismos de avaliação é uma das questões importantes, sim. E que exige um esforço coletivo, tendo como princípio que a avaliação deve ser um instrumento entre outros para o avanço científico e não um fim em si mesmo ou que vá contra a própria dinâmica da produção científica. A meu ver e de muitos outros, seria muito desejável uma ênfase maior nos resultados, sobretudo qualitativos. E sempre tendo como perspectiva a ampliação qualificada do sistema e não a manutenção do *status quo*. É preciso estar sempre atentos à criação de incentivos e de ações afirmativas nesse sentido. Inclusive porque a ampliação da pesquisa e sua descentralização são demandas do próprio desenvolvimento científico.

**Flávia Pires:** *Você acha que os antropólogos são particularmente mais corporativos do que os outros cientistas sociais?*

**Otávio Velho:** Eu prefiro não responder essa pergunta, por ignorância mesmo. Mas, eu acho, por exemplo, que essas coisas novas, esse aparato novo que está surgindo, ele também abre possibilidades interessantes. Vejam, por exemplo, os Institutos Nacionais de Ciência, Tecnologia e Inovação, isso significa recursos, significa estímulo a redes, significa trabalho coletivo, significa romper

com a divisão entre pesquisa básica e pesquisa aplicada, como se fossem coisas incompatíveis entre si, significa muita coisa interessante. Eu acho que a gente deve prestar atenção também, nem tudo do que tem surgido é ruim, pelo contrário. Mas representam desafios.

### **Educação, REUNI e graduação**

**Silvia Nogueira:** *E por falar em nem tudo o que tem surgido é ruim, o que você pensa do REUNI? Esse é um fato da nossa realidade aqui. Empregos não seriam ofertados, por exemplo, no Nordeste se não tivesse o REUNI.*

**Otávio Velho:** Eu não sei, porque não estou lidando diretamente com esse assunto. Mas o que eu ouço falar muitas vezes é que o REUNI tem sido uma verdadeira revolução, do ponto de vista do emprego para os docentes, e sobretudo do ponto de vista de possibilidade de abertura para os estudantes, e não só dos estudantes em geral, mas, particularmente para os de baixa renda. Tem feito uma mudança na composição social e racial do quadro discente nas universidades. O que tem sido muito importante.

**Flávia Pires:** *É. E juntamente com a interiorização dos campi. Aqui no campus IV [localizado no município de Rio Tinto], ele abrange um público muito local, inclusive de índios, de pessoas que moram ali há gerações e gerações. Claro que têm muito desafios porque são alunos que geralmente, dizem os professores, não escrevem bem, não lêem bem, mas é uma população que estaria excluída da universidade porque não viria para João Pessoa cursar a faculdade, e lá agora tem a possibilidade de cursar.*

**Otávio Velho:** É exatamente. Eu acho também que uma coisa que está surgindo agora, e que está mudando o quadro da gente, ou o quadro de alguns anos atrás, é uma revalorização da graduação, eu acredito que isso tem que avançar mais. Nesse desenvolvimento muito grande da Pós-Graduação no Brasil nos últimos decênios, nós mesmos passamos a dar menos importância à graduação. Uma coisa que está acontecendo hoje com a comunidade científica é que ela está se dando conta do que é a base do desenvolvimento científico. Se a gente não começar a melhorar o ensino, inclusive desde a escola fundamental, esse nosso desenvolvimento científico vai encontrar limites sérios, o que penso que já está ocorrendo, inclusive. Então, eu percebo hoje na comunidade científica, e nisso eu acho que os cientistas sociais precisavam avançar mais, o interesse pela questão da educação. A questão da educação hoje está se tornando de interesse central na comunidade científica. Assumir uma responsabilidade em relação à educação no

Brasil, o que tem a ver com a graduação das universidades, mas também com o conjunto do sistema de ensino brasileiro, e isso é uma coisa que eu acho que está acontecendo ultimamente. E parece que os cientistas sociais têm sido os últimos a despertarem para esse assunto, o que é um paradoxo. A antropologia pode dar uma grande contribuição para repensar o país, ajudar a repensar a educação e ajudar a criar uma educação para a interculturalidade, para o respeito à diferença, para a valorização, não só o respeito, mas a valorização da diferença. Temos um papel a cumprir, que até agora nós não conseguimos realizar. E a gente nota como no conjunto da sociedade brasileira, ainda existe muito preconceito, muita incompreensão, não é? A Antropologia, com todo o seu desenvolvimento, com todo o seu prestígio, ainda não cumpriu o seu papel para tentar enfrentar essas questões, que são cruciais para o país.

### Os cientistas sociais na América Latina e o Brasil

**Flávia Pires:** *Otávio, o Paulo Henrique Martins, professor da UFPE, veio aqui, na semana passada, e fez uma palestra que foi muito interessante. Eu vou te dizer o que ele falou e o que me marcou. Pensando a produção de conhecimento na área de sociologia, comparando os anos 40 aos 70, e depois a partir dos anos 80 até os dias de hoje, do ponto de vista dele, enquanto houve um aumento na Pós-Graduação, no número de doutores e de mestres, uma expansão como você está falando nessa mudança de escala, houve, ao mesmo tempo, uma virada para o eurocentrismo em relação à fundamentação teórica e uma despolitização dos temas de pesquisa também. A gente pode pensar isso para a antropologia também?*

**Otávio Velho:** Acho que sim, sem dúvida nenhuma. Embora você pudesse ver isso em determinado momento, como também tendo tido suas vantagens. Por exemplo, havia um certo provincianismo, digamos assim, num certo momento, nós nos abrimos para a rede internacional e tudo mais, mas sem dúvida nenhuma eu acho que agora está na hora, mais do que na hora, de dar uma certa virada nessa espiral.

**Silvia Nogueira:** *Pegando uma carona, qual é o papel, por exemplo, da antropologia brasileira, pensando em América Latina, de uma produção antropológica latino-americana, enfim, como é que você vê isso? Como é que está a produção da antropologia em relação à América Latina?*

**Otávio Velho:** Olha, a diferença de escala entre o que se faz no Brasil e o que se faz nos outros países é muito grande. Em escala de recursos disponíveis, não é à toa, inclusive, que tem havido uma migração, por exemplo, de colegas

argentinos pra cá. Eu acho que isso é muito importante e impressionante. Não só na antropologia, mas em geral, no que diz respeito às questões da ciência, a diferença de escala entre o Brasil e os outros países da América Latina é muito grande. Agora, isso não deve significar da nossa parte, nós nos colocarmos numa posição, digamos assim, paternalista, ou numa posição triunfalista. Porque eu acho que há muita coisa interessante que se produz nos outros países, no caso das ciências sociais, que talvez demandem menos infraestrutura do que outras áreas das ciências. Então, quando a gente fala do papel do Brasil, é preciso tomar cuidado para que isso não signifique uma visão paternalista: nós é que temos o saber, nós é que vamos passar para os outros. Como eu tenho dito em relação a essa questão dos diálogos entre saberes, eu acho que cabe aqui também, a gente tem que estar sempre querendo saber também o que eles têm a oferecer, e eu tenho certeza que uma descoberta tardia do pensamento latino-americano que há muita coisa interessante sendo produzida e que vale a pena. Então, nós temos uma vantagem, que é essa vantagem de escala e de recursos, e eu acho que devemos utilizar isso para nos enriquecermos e para colaborarmos também com os outros países, para benefício múltiplo. Nesse sentido, eu acho que até a política externa brasileira caminha nessa direção, e eu acho que é uma direção positiva e que nós devemos acompanhar. Iniciativas como a da criação da Universidade da América Latina, em Foz do Iguaçu, e outra iniciativa que está mais atrasada, que se pretende fazer, também, aqui, uma universidade voltada para a África, eu penso que são coisas muito importantes, muitos espaços sendo abertos aí, que devemos tentar aproveitar ao máximo. Eu acho que se o restante da América Latina aumentar a interação conosco, vamos poder inclusive ter uma contribuição a dar para a ciência social, para a antropologia mundial. Nesse sentido, acredito que também é importante essa quebra do eurocentrismo, temos que nos conhecer mais, nós temos uma contribuição, valorizar essa contribuição. Nesse ponto é que eu acho que às vezes essa nossa ligação com esse aparato técnico científico mais geral é um dos pontos em que, às vezes, eu acho que cria uma certa complicação para as ciências sociais, porque há uma grande valorização nas outras áreas, nas chamadas ciências duras, ou ciências exatas, da produção em função de um aparato internacional que já está montado: quais são as boas revistas onde você deve publicar; uma valorização da utilização do inglês, por causa da circulação linguística; e, embora haja um lado disso verdadeiro, eu acho que no nosso caso, o público nacional e regional, para pensar em termos da América Latina, ou Sul-Sul, é fundamental. Agora nós temos que desenvolver, digamos assim, uma argumentação que mostre isso. Eu sei que também em outras áreas há gente que pensa assim, ou pelo menos que não há incompatibilidade entre uma coisa e outra. Isso são exemplos dessas coisas em que nós estamos engatinhando, mas eu

acho também que as ciências sociais não devem se colocar numa posição excessivamente defensiva, de achar que tudo isso é contra nós, ou contra os nossos interesses. Existe muitas vezes espaço para a interlocução nas agências ou nas comunidades científicas que nós não aproveitamos, nós deveríamos tentar aproveitar mais e colocar nossos pontos de vistas e nossas possibilidades. E nós vamos encontrar muitas vezes, surpreendentemente, pessoas que pensam igual em outras áreas, mesmo a realidade delas não sendo exatamente igual à nossa. Há iniciativas interessantes. Eu tenho notado, por exemplo, que o pessoal de química tem interesse em combinar esse trabalho. Um argumento que deveria ser elaborado é que, justamente porque nós temos nos desenvolvido, é que podemos esperar que colegas de outras partes do mundo leiam em nossas línguas e não por provincianismo.

Mas, o que eu ia dizer é que nas ciências sociais, às vezes, o nosso caminho não é necessariamente esse. A crítica ao eurocentrismo, eu creio que no nosso caso deve passar inclusive por uma certa desconstrução dessa ideia de quais são os bons veículos ou os bons lugares. Como eu estava mencionando, acho que antes de ontem, tem um texto meu agora que vai sair na revista eletrônica da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, em Mossoró. Claro que, como aposentado, você fica com mais liberdade pra fazer essas coisas, mas eu acho que é muito importante. Agora, eu tenho sentido, inclusive em colegas de outras áreas, que há uma certa ansiedade também, por estar ligado às nossas questões. Então, essa preocupação com educação que está crescendo na comunidade científica é parte disso.

Há também alguma tendência, mas que ainda não se realizou bem, de revalorização da chamada extensão universitária. Tudo isso tem que ser pensado e tem que ser valorizado realmente, valorizado inclusive em termos de produção, para que esse trabalho que você faça não seja considerado subsidiário, mas central. Talvez aí os cientistas sociais possam colaborar, não só tentando mudar os parâmetros em relação ao que nos interessa diretamente, mas eventualmente até chamando atenção para certas coisas que possam beneficiar outras áreas do conhecimento.

**Silvia Nogueira:** *Otávio, muito obrigada.*

**Flávia Pires:** *Muito obrigada.*

**Otávio Velho:** Muito obrigado a vocês.

\*\*\*

Entrevista e edição: Flávia Ferreira Pires e Silvia Garcia Nogueira

Transcrição: Patricia Oliveira Santana dos Santos